



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Setembro

Nº 461

A PRIMEIRA REVOLTA

Blau Souza*

Relendo Guilhermino Cesar em tempos de dilúvio e superação, busquei na História o assunto para mais uma crônica. É sabido que o povoamento efetivo do Rio Grande português só iniciou dois séculos após o descobrimento do Brasil. Aconteceu em 1737, quando o brigadeiro José da Silva Pais, com a assistência de Cristóvão Pereira de Abreu, fundou o Presídio de Jesus-Maria-José no local em que hoje existe a cidade de Rio Grande. Postos de guarda e fortificações foram estabelecidos em pontos estratégicos, dos quais o mais distante foi o de São Miguel, hoje em território uruguaio. Afirmava-se um sistema de defesa que incluía as estâncias reais de Bojuru e de Torotama, importantes para acomodar gado e cavalaria, vitais para o empreendimento. Dar assistência à Colônia do Sacramen-

to e impedir avanços espanhóis pelo litoral ou através dos indígenas das Missões Jesuíticas justificavam investimentos. Mas os recursos destinados pelo império português eram poucos e muito cedo motivaram descontentamentos. Em janeiro de 1742, tanto os homens do Regimento dos Dragões quanto os soldados de infantaria e artilharia, revoltaram-se e de forma muito organizada. Os líderes do movimento prenderam alguns oficiais e assumiram seus lugares. Soldados enviados para debelar o motim, a ele aderiram ou verificaram que na munição de suas armas havia areia ao invés de pólvora. A transcrição do documento encaminhado pelos revoltosos é contundente e capaz de comover qualquer leitor. Havia 20 meses de atraso nos soldos e os últimos fardamentos tinham sido recebidos há três anos. Além disso, reclamavam de exagero nas punições e de arbitrariedades cometidas por alguns dos oficiais, além de redução no fornecimento de farinha e outros produtos.

Decorriam poucos dias da revolta e da instalação do novo status da povoação quando chegaram à praia em pequena escuna, trinta ingleses naufragados de uma esquadra mandada por Londres para fazer guerra aos espanhóis na América Meridional. Acontece que dois dos naufragos escreviam, e publicaram livro mais tarde na Europa. Da mesma forma, como usei informes do livro *História do Rio Grande do Sul – Período colonial*; também uso do mesmo Guilhermino Cesar, o livro *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605 – 1801)*, no qual há texto de John Bulkeley e John Cummins, os autores da obra *Uma viagem aos mares do sul nos anos de 1740 - 1741*, traduzido para várias línguas. Guilhermino aproveitou do livro, segmento intitulado *Distúrbios na guarnição militar*, para apresentar riquíssimas informações sobre os fatos que presenciaram até o seu final, já que permaneceram no Rio Grande até março de 1742. Interessante saber que os ingleses, muito bem recebidos, levaram algum tempo para perceber que estavam tratando com insurgentes vestidos de oficiais, tal era a aparência de normalidade. Assistiram à chegada do governador vindo da Ilha de Santa Catarina, a que a Comandância Militar estava sujeita. Era ele o brigadeiro Silva Pais, o próprio fundador do forte-povoação. Ele trouxera o perdão, mas apenas uma terça parte do dinheiro devido. Muitos não aceitavam o parcelamento da dívida, e alguns ameaçavam com deserção ou migração para o lado espanhol. Relatam os ingleses, que foi decisiva a conduta do comandante dos insurrectos, cujo discurso dizia ao final: “Uma vez que o rei foi tão generoso em perdoar, é dever aceitar!” Todos acataram a decisão do comandante, que pondo a carabina ao ombro, foi tomar lugar na fila como soldado raso. O resto da tropa seguiu seu exemplo e assim se encerrou a sedição, com volta à disciplina e à ordem. Foi decisiva a participação do coronel Diogo Osório Cardoso, que fundara o Regimento dos Dragões, e ocupava a comandância militar. Sem interrupção da manutenção da ordem, Osório conseguira manter-se na confiança de Silva Pais em Santa Catarina, e de Gomes Freire no Rio de Janeiro.

*Médico e escritor

%%%

MULHERES PARA O RIO GRANDE

Blau Souza*

O Rio Grande português que se iniciava com atraso em 1737 carecia de mulheres. A fortaleza e o povoado de Jesus-Maria-José, plenos de aventureiros e soldados, bem como todo o território a ser ocupado não teriam futuro sem elas.

Assim pensando, o sucessor de Silva Pais solicitava que as mandassem, "ainda que erradas". Em resposta, foram enviadas do Rio de Janeiro as famosas mozuelas, que na nova terra buscariam "outro estado, já que no Rio o tinham de desenvoltas".

Não foi muito grande o número de mulheres enviadas do Rio, e representou papel bem menos importante que o das índias de tribos, como a dos minuanos, cuja amizade se iniciara muito cedo com os colonizadores de fala portuguesa.

Mais tarde, por iniciativa de José Marcelino, indígenas guaranis e tapes, catequizados pelos jesuítas espanhóis foram assentados na Aldeia dos Anjos, povoação que deu origem a Gravataí. Neste local, ele instalou mulheres, velhos e crianças, sobreviventes do massacre de Cai-baté. E providenciou colégio para as meninas indígenas, que eram educadas para casarem e se tornarem mães de família.

José Marcelino instituiu até um dote a ser pago sempre que elas casassem com soldados. Menor do que em outras regiões do Brasil, era a participação dos escravos negros. Mas aumentou de forma significativa com o surgimento das estâncias, das charqueadas e com a participação masculina, escrava ou liberta, nas guerras e revoluções.

Também muitos negros, com seus senhores e suas posses, vieram para a zona sul do atual Rio Grande, quando a Colônia do Sacramento passou a ser espanhola de forma definitiva.

Como seria de esperar, aumentaram os mestiços, e as mulatas passaram a ter sua beleza cantada em prosa e verso, o que já ocorria em todo Brasil.

Mas a grande iniciativa para povoar o Rio Grande aconteceu com a chegada dos açorianos, a partir de 1751, e constituída por casais com seus filhos e forte estrutura familiar. Havia a disposição de usá-los para ocupar o espaço deixado pelos indígenas das missões jesuíticas espanholas, que migrariam para a margem direita do Rio Uruguai, em obediência ao Tratado de Madrid (1750). Isso não ocorreu e aconteceram a guerra guaraníca e a ocupação espanhola de mais da metade do Rio Grande atual (1763-1776).

Mas os açorianos iam-se adaptando, sem abandonar seus hábitos agrícolas nem o respeito à família e à religião. Fixaram-se à beira do Guaíba, nos vales dos rios que o formam e no litoral. Mas não demorou para que montassem a cavalo e se fossem instalando em estâncias que iam muito além das "fronteiras de Rio Pardo".

Assim penetraram campanha adentro, passaram a possuir terras no pampa, que tinham de defender em tempos de paz e de guerra. Desapareceram as matanças de gado para obter apenas o couro. Surgiram as cercas, os aramados, o gado marcado e motivações para o gaúcho

deixar de ser nômade. Tropas abriam caminho, ora de bois para as charqueadas, ora de mulas para as feiras de Sorocaba.

Os açorianos foram a base para o surgimento do gaúcho “pelo duro”, explorador da pecuária extensiva em solos férteis, mas pouco profundos, nos quais nunca houvera floresta. Como as ilhas dos Açores e da Madeira eram parte do Império Português, o deslocamento e a chegada de grande quantidade de pessoas originárias dessas ilhas nem era considerada imigração.

E havia interesse português em ocultar números perante a corte espanhola. Tudo não passaria de um arranjo interno no Império Português, mas os açorianos praticamente duplicaram a população do Rio Grande quando de sua chegada.

Nos séculos XIX e XX, o Rio Grande recebeu muitos imigrantes, sobretudo europeus. Alemães a partir de 1824, e italianos com início em 1875, foram os mais numerosos.

Em um Brasil independente e imperial, ocuparam vales e montanhas ao norte do Rio Jacuí, cultivando solos profundos com cobertura florestal. Mas isso já é assunto para novas crônicas, e sem pressa, porque no Rio Grande já não faltavam mulheres.

*Médico e escritor

#####

CADERNOS: NA REVOLUÇÃO DE 1893 – Carlos Fonttes



NA REVOLUÇÃO DE 1893 – FEDERALISTA

Uruguaiana, antes da Proclamação da República, empolgava-se com o movimento de transição por que passaria o País, formando a “UNIÃO REPUBLICANA” – Centro de resistência ao Império em apoio aos republicanos rio-grandenses. Desse movimento, em 1887 publicou-

se um manifesto, onde se subscreveu o programa político do partido, organizando o centro de resistência à política “perniciosa e imoral”, como descrevia a nota e incitava o estado para suas fileiras, marcando com ênfase o lema do pavilhão da República Federal: “LIBERDADE, IGUALDADE E SOLIDARIEDADE”.

Uruguiana realmente já se preparava para a Proclamação da República:

Em sessão extraordinária da Câmara Municipal, realizada após a Proclamação, com a Presidência do Dr BALDUINO DO NASCIMENTO, obtivemos o seguinte:

“Presentes os senhores vereadores Dr. Balduino Athanasio do Nascimento, João Henrique de Lara Ulric, Antonio Manoel Alves, e os suplentes Polírio Joaquim de Macedo, Domingos Vaz Teixeira e Domingos Luiz de Souza, o primeiro Presidente da Câmara Municipal, às 6 horas da tarde, o Sr. Presidente abriu a sessão e declarou que o fim da mesma era ser lido um telegrama dirigido a esta corporação e assinado pelo cidadão Visconde de Pelotas, governador político deste estado, concebido nos seguintes termos: “Como Governador político deste estado, comunico-lhe que por Decreto de 15 foi proclamada como forma de governo da nação a República Federativa, constituindo as províncias os Estados Unidos do Brasil. Pedro de Alcântara, Imperador deposto partiu ontem para a Europa com família; fornecendo-lhe o Governo Provisório cinco mil contos para ocorrer despesas e mais oitocentos contos até que sobre esse ponto se pronuncie a próxima Assembleia Constituinte. Conto com leal coadjuvação. “Visconde de Pelotas”. Cujo telegrama foi posto em discussão, declarando os vereadores presentes da adesão ao governo do País pela pa-

cífica mudança de forma de governo e atenções havidas para com o deposto imperador, devendo disso dar-se conhecimento ao cidadão governador do estado e ao governo provisório da República as Câmaras Municipais deste estado. Foi redigido para esse fim o seguinte telegrama: Esta corporação ciente da reforma de governo que sofreu o País, adere ao novo regime como consumado e, patriótica como é, põe à disposição do novo governo seus bons ofícios para felicidade e progresso da Pátria. Nada mais havendo a tratar-se, o Sr Presidente encerrou a sessão da qual lavrei a presente ata, que assinaram. 19 de novembro de 1889. O secretário SYMPRONIO DE SOUZA ROBALLO”.

Com a Proclamação da República, a cidade passou a viver sob outro regime de governo, desde a nomeação, pelo Vice-Presidente do estado, Dr. VITORINO RIBEIRO CARNEIRO MONTEIRO (17/06/1892 a 29/09/1892), do primeiro Intendente para este Município, Cel honorário do Exército, GABRIEL RODRIGUES PORTUGAL em 17 de agosto de 1892.

Veterano da Guerra do Paraguai, o Cel Vitorino lutara ao lado de seu tio e cunhado, o Brigadeiro BENTO MARTINS DE MENEZES – Barão de Ijuí, permanecendo no cargo de Intendente até 27 de outubro de 1896, quando prorroga até 27 de outubro de 1900, passando ao seu sucessor, Dr. JOSÉ ROMAGUERA DA CUNHA CORREA.

Durante sua longa gestão, foram adquiridos imóveis, Intendência municipal, sub-Intendência, Escola Municipal, matadouro público, quartéis e cadeia, aprovando a primeira Lei Orgânica do Município. Ao terminar seu primeiro mandato e havendo prorrogação, o Município, em 27 de outubro de 1892, pelo Conselho Constituinte. O jornal “A NOTÍCIA”, de ANTONIO AUGUSTO DE AZEVEDO, existente na época, referenciou ao seu respeito:

“Quando foi Intendente pela primeira vez, tinha alguns cabedais; hoje que ele deixa este posto de honra, nada tem mais do que este grande tesouro, que foi sempre uma função de sua individualidade: A sua honra intacta!”.

Existiam ainda, circulando na cidade, além do jornal acima referenciado, “O Jornal”, de Bernardino Câmara Canto, o “14 de julho” de Raul Nielsen, o “Federal Democrata” de Manoel da Costa Leite, a “Gazeta do Foro”, de João Alberto de Oliveira e o “Guarany”, de Prado Wentsy e Eustáquio Durant.



(Clarimundo Flores).

A cidade possuía na época 8.000 habitantes

Como meio de transporte terrestre, tínhamos empresas de diligências, que faziam o percurso às cidades mais próximas e mesmo a capital, através da chamada “estrada Real”. Uma dessas era a ‘EMPRESA CLARIMUNDO FLORES’, que existiu até o ano de 1896. Sua estação ficava na hoje Av Presidente Vargas no prédio onde mais tarde foi o ‘Hotel Pelegrini’. Na frente, onde hoje se encontra a Pracinha Argentina, na época era somente um des-campado chamado “Praça das carretas”.



Uma diligência de passageiros no século passado (Raul Pont/Campos Realengos).

O transporte fluvial era muito aproveitado, principalmente por navios de baixo calado, que navegavam pelo rio Uruguai, transportando passageiros e grandes mercadorias. Houve, na cidade, a Empresa Barbará & filhos e outra da Argentina, denominada “Ferro Carril Leste Argentino”, que exploravam esse tipo de transporte. Até 1920 existiu a chamada “Casilha”, que serviu de posto fiscal e estação fluvial.



Transporte de madeira através do Rio Uruguai

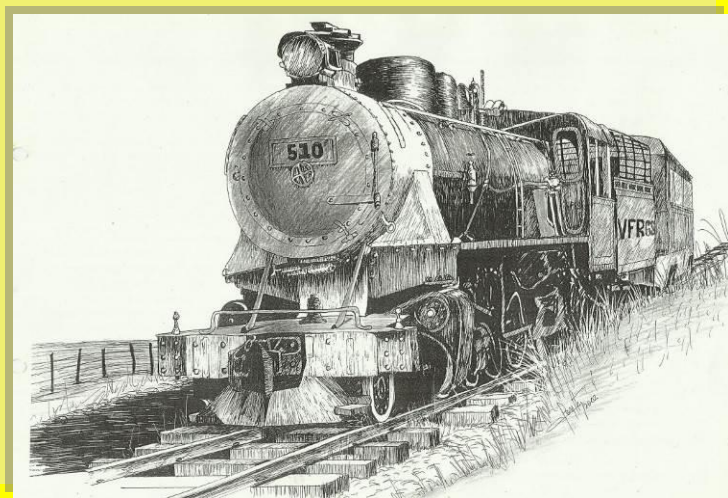
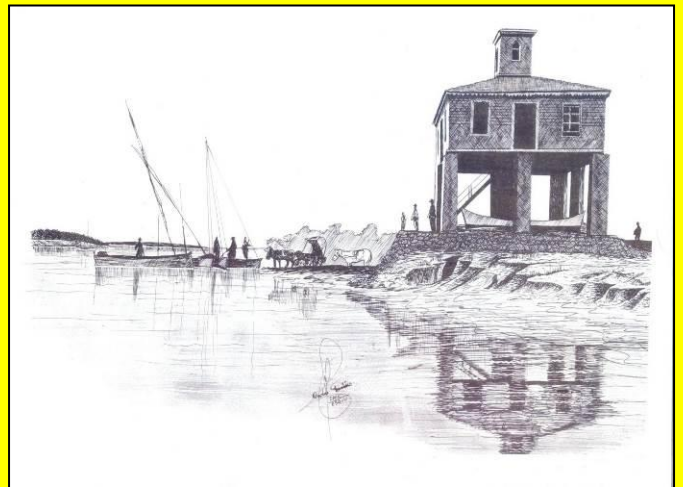


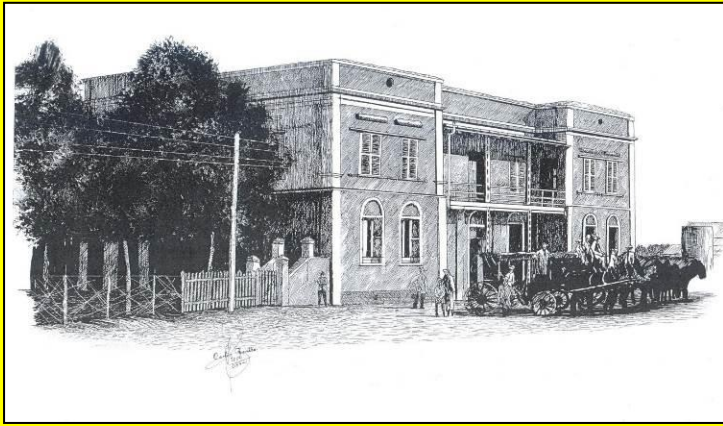
Antigo Porto de Uruguiana.



Vapor de transporte de passageiros dos irmãos Barbará.

Antiga casilha que servia de posto fiscal e porto fluvial





As linhas férreas eram recentemente inauguradas, dando fluxo maior ao transporte de mercadorias e facilitou, nessa época, o escoamento de tropas militares.

A linha da Barra do Quaraí a Uruguiana, foi inaugurada em 20 de agosto de 1897; de Uruguiana ao Ibicuí em 2 de julho de 1888 e a 30 de dezembro, do mesmo ano, prolongava-se até Itaqui.

Antiga estação ferroviária (ao lado).

Já estava funcionando, desde 1892, o Saladeiro da Barra do Quaraí, da Firma Però, Kraemer Cia.

A guarnição militar local estava constituída pelas seguintes unidades:



- DO 6º BATALHÃO DE INFANTARIA – que já se encontrava na cidade desde 1888, permanecendo até 1909, quando teve sua transformação para 33º/11º Regimento de Infantaria, com parada em São Vicente do Sul.

Esta Unidade de Infantaria recebeu em suas fileiras, em fevereiro de 1898 a inclusão do jovem Getúlio Vargas, com 16 anos de idade, permanecendo e chegando a graduação de 2º Sargento, quando então, a 27 de março de 1900, ingressa na Escola Tática de Rio Pardo.

Em plena época da revolução, Comandava a Unidade, o Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO (mais tarde General do Exército), e a sede de seu aquartelamento, encontrava-se no fim da Rua Bento Martins,

próximo ao rio Uruguai, prédio construído por 1885, especialmente para esta Unidade.

Quartel velho - construído para o 6º Btl Inf
(tela a óleo – acervo do 5º RCMec – Quaraí)



“Sobre as instalações desse quartel, do qual foi feito, nesta tela, uma ‘Releitura”, do antigo “Quartel Velho”, denominação dada pela população local. Foi construído por volta de 1885 e fizeram parte da comissão, o Capitão Engenheiro ARÉAS JUNIOR e como Ajudante-secretário, o então Tenente FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO. Foi construído para o 6º Batalhão de Infantaria, porém, várias unidades tiveram sede neste local, tais como o Contingente da Brigada Militar, Escola de Artes e Ofícios e cortume. Por volta de 1919, a parte sul e subsolo, foram ocupados por uma enfermaria militar (origem do Hospital Militar). Na presente tela, baseada em uma fotografia antiga, registra-se uma solenidade cívica em frente a Unidade, o 5º RCI, quando o Cmt, Ten Cel FRANCISCO BORJA PARÁ DA SILVEIRA, apresenta-se a mais alta autoridade naquele local, o Intendente Municipal, José Antonio Flores da Cunha, entre 1920 a 24 aproximadamente. O religioso que aparece de manto vermelho é o primeiro Bispo de Uruguiana, D. Hermeto José Pinheiro.

- DO 4º REGIMENTO DE CAVALARIA: surgiu a 29 de maio de 1893, possivelmente pela própria revolução. Comandava, o Ten Cel LYDIO PURPURÁRIO DOS SANTOS COSTA. Teve o seu aquartelamento onde hoje se encontra o Colégio Julio de Castilhos (bairro Mascarenhas de Moraes – Ilha do Marduque). Permaneceu em Uruguiana até 1898 quando então foi transferido para Dom Pedrito. Atualmente se encontra na cidade de Itaqui, como 1º Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Durante o conflito de 1893, o Regimento participou de toda a revolução, confirmado pelos seus registros quando este autor, biografando o 1º RCMec de Itaqui, encontrou em seu livro histórico, (manuscrito), em 1º de janeiro de 1908, pelo Cap ISIDORO DIAS LOPES (personagem de destaque na Revolução de 24 em São Paulo) a seguinte atuação do Regimento:

“... fez toda a Revolução no Sul, de 1893 a 1895, incorporado a Divisão do Norte e Oeste, ao Comando do Gen Honorário do Exército HIPÓLITO RIBEIRO. Tomou parte no combate de Inhanduy em 3 de maio encetando depois a perseguição ao inimigo até Alegrete, Serra do Caverá, com junção à Restinga, regressando daí para Livramento,

aonde chegou a 20 (de maio), no Comando do Ten Cel LYDIO PURPURARIO DOS SANTOS COSTA, prosseguindo a marcha até Uruguiana, chegando a 29 daquele mês de maio de 1893. Tomou parte no Combate de Sarandy, no dia 28 de fevereiro de 1894, sendo dissolvida a Divisão que fazia parte, depois do tratado de paz de 23 de agosto de 1895, foi mandado aquartelar em Uruguiana...”.

- DO 3º REGIMENTO DE CAVALARIA: hoje o 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado em Quaraí. Surgiu em nossa cidade, também ocupando sede no aquartelamento velho da rua Bento Martins e que teve, anos mais tarde, a denominação dada pela população local de “5º revoltoso”.

Em 1894, veio com transferência da cidade de São Borja, como 3º Regimento de Cavalaria, passando, sucessivamente as denominações de 8º Regimento de Cavalaria em 1908 (nada a ver com o atual 8º RCMec) e 5º Regimento de Cavalaria Independente em 1919.

Em suas fileiras serviram ilustres personagens da nossa história, como o historiador militar Gen AUGUSTO TASSO FRAGOSO, considerado o “pai da história militar”, que por 1911 a 1914, como Coronel, foi Comandante dessa Unidade. Em 18 de janeiro de 1893 esteve o então Capitão JOÃO CEZIMBRA JACQUES, hoje o Patrono espiritual do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

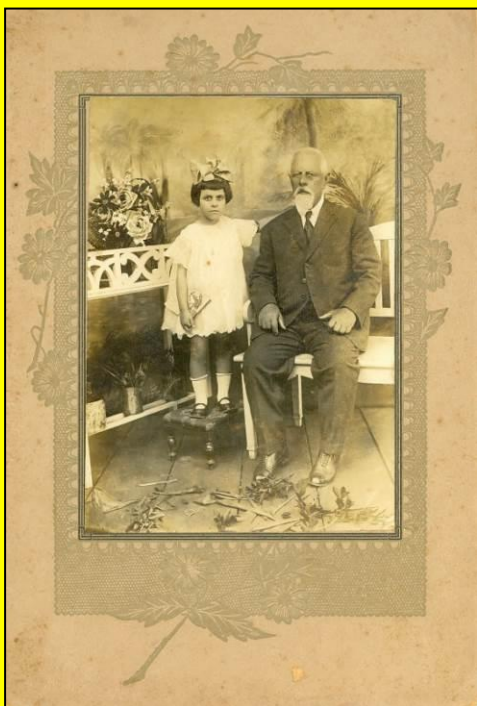
A atividade social de Uruguiana prendia-se as retretas executadas pela banda do 6º Batalhão de Infantaria, na praça da Rendição.

Nos “RELATOS DE URUGUAIANA ANTIGA”, o professor PEDRO OLIVEIRA JUNIOR, relatando suas memórias no tempo de sua juventude em Uruguiana, nos enfoca, sobre essa Unidade que, quando saía à rua para fazer algum exercício na Praça “Coxilha dos Loucos” (antiga praça que hoje está a CORSAN), ou para passeatas, como anteriormente comentamos sobre sua banda musical, o povo acorria alegre para apreciar o garbo e as bonitas marchas executadas, principalmente as evoluções do balisa da banda, que vinha na frente com grande destaque. À noite as Patrulhas do Batalhão percorriam as ruas da cidade para o sossego da população.

Conta-nos esse historiador, que a única quebra da disciplina era com a polícia local.

Após a Proclamação da República, no dia seguinte, algumas praças revoltaram-se, dando vivas ao Imperador, na maioria nortista e armada, abandonaram o Quartel. O Comando da Unidade tratou de armar uma Companhia e no enalço aos revoltosos, acompanhado por um grupo de republicanos, alcançaram os mesmos nos campos do Imbaá, prendendo-os.

Na refrega que houve, foi ferido no braço o Sr. TITO CADEMARTORI, Republicano entusiasta de origem italiana, que teve de amputar o braço.

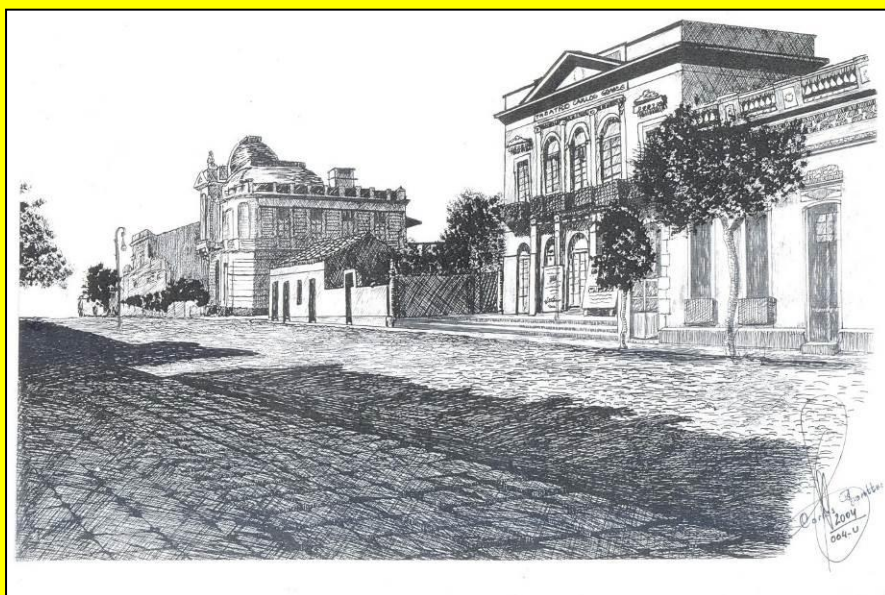


Ao lado, o Sr. TITO CADEMARTORI

Já existia o Teatro CARLOS GOMES, onde apresentava grandes peças teatrais, desde a sua fundação por 1884, por um grupo de intelectuais, dirigidos pelo inspirado médico e dramaturgo ANDRÉ DE MARCHI.

Nesta época de 1893, nascia o poeta GALBA DE PAIVA.

Inaugurava-se em 13 de agosto de 1893, a primeira sede do Clube Comercial a rua Domingos de Almeida, sob a liderança de LUIZ BETINELLI – mais tarde, por 1898, instalou-se no atual prédio, a rua 15 de novembro, esquina Bento Martins.



Antiga Rua 15 de novembro, com os prédios em destaques, do Clube Comercial e do Teatro Carlos Gomes. (Aprox. 1940).

Ao mencionarmos a vida cotidiana de Uruguaiana, nesta época que antecede a revolução, salientamos ao descrever a participação de Uruguaiana na Revolução Federalista, nosso posicionamento como escritor, procurando, não analisarmos a ideologia política dos federalistas ou republicanos, mas apresentarmos momentos históricos de ambas as partes, para o conhecimento futuro.

A dicotomia não nos cabe por direito julgarmos os ideais políticos dos partidos, nem mesmo de cada personagem aqui apresentados.

Ao ser derrubada a Monarquia com a Proclamação da República em 15 Nov 1889, pela classe militar mais conservadora, foi oferecido no Rio Grande do Sul, ao Chefe do Partido Republicano os destinos do nosso estado. Havendo interferência de JULIO PRATES DE CASTILHOS que em comissão, entregou a Presidência ao Visconde de Pelotas (MARECHAL JOSÉ ANTONIO CORREA DA CÂMARA), consolidando assim o apoio ao governo provisório e afastando uma contrarrevolução aos ideais republicanos.

Ao ser criado no estado o Partido Federalista em 1892, que levou a totalidade do antigo Partido Liberal, batendo-se pelo unitarismo e concentração do parlamentarismo, os republicanos também envolveram grande parte dos conservadores que propugnavam, pelo presidencialismo com amplo e irrestrito poder ao estado, fazendo com que num espaço de tempo menor, houvesse frequentes trocas no Governo Estadual, causando uma instabilidade gerada por um período de transição política agitada.

Perturbações de toda ordem, com prisões e assassinatos de políticos, geraram nos municípios um clima de inquietude, levando com toda a certeza para uns conflitos bem maiores, embalados alguns por vinganças e a concretização de uma guerra civil.

Confirmam alguns historiadores que o estopim para esta luta, tenha iniciado com o golpe do Marechal DEODORO DA FONSECA, em 3 de novembro de 1891, quando dissolveu o Congresso, gerando os grandes tumultos no estado.

Em Uruguaiana, a repercussão teve forte adesão, quando o Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO, revolta a unidade que comandava, o 6º Batalhão de Infantaria, a 8 de novembro de 1891, recebendo adesão de várias Unidades.

Eclodindo em 5 de fevereiro de 1893 a revolução, iniciou as operações bélicas com invasão das forças federalistas, tendo já como Presidente do Estado, JULIO PRATES DE CASTILHOS (25/01/1893 à 25/01/1898).

Constituíam-se os federalistas por elementos maragatos que sustentaram a revolução contra o chamado “governicho” de JULIO DE CASTILHOS, que apoiado por FLORIANO PEIXOTO, tiveram o apelido de Pica-Paus, com objetivo político presidencialista, enquanto que SILVEIRA MARTINS buscava a República Parlamentarista.

Estavam as forças republicanas com tropas do Exército, da Brigada Militar do estado e dos Corpos Provisórios de patriotas civis que foram criados exclusivamente para atuar nesta revolução;

HÉLIO MORO MARIANTE, Cel historiador da Brigada Militar do estado, nos confirma em uma publicação na Revista do Exército Brasileiro/1992, que as forças organizadas pelos republicanos, estavam constituídas por 5 Divisões compostas por Brigadas que tomaram o nome das regiões do estado: A Divisão do Norte pelo Gen RODRIGUES LIMA; Oeste, (nosso município), pelo Gen HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO; do Centro pelo Cel ARTUR OSCAR DE ANDRADE; do Sul pelo Cel CESAR SAMPAIO e da Capital pelo Cel TOMAZ THOMPSON FLORES.

Do lado federalista fora organizado o chamado Exército Libertador, constituído pelos corpos do Exército, por Divisões e Brigadas.

Diferenciavam as forças opositoras entre si, pela própria denominação que ostentavam, com boné encarnado, que se assemelhava à ave pica-pau, de crista vermelha, ao passo que os maragatos, topônimo dos que descendiam da região da maragataria na Espanha e viviam no Uruguai.

O Comando da Guarnição de Uruguaiana estava com o Gen HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO, veterano da Guerra do Paraguai, que organiza as forças destinadas a operarem na fronteira, com os corpos de cavalaria e infantaria, e cuja frente excursionava nos municípios vizinhos, abatendo grupos rebeldes.

Durante as incursões efetuadas pelo Gen Hipólito, a população sentindo-se ameaçada pelos federalistas, que se encontrava em Paso de Los Libres, chefiados pelo Dr. EDUARDO FERNANDES LIMA, que via na ausência das tropas, momento oportuno para um retorno.

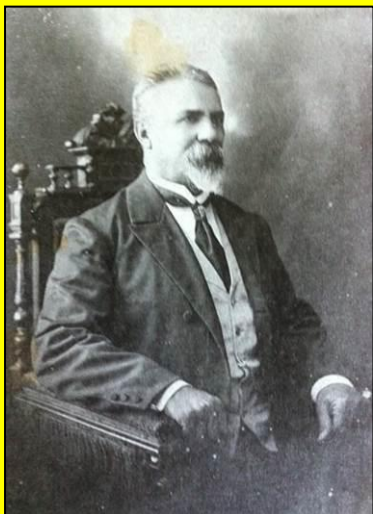
HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO, no desenrolar desta guerra civil, já com setenta e poucos anos de idade, teve participação efetiva na revolução, e em Uruguaiana, como Comandante da Guarnição, desenvolve planos de combate, organizando tropas com civis e militares da área, recebendo antes do fim da guerra, as honras de General de Divisão, pelo Governo Republicano.

ARTUR FERREIRA FILHO – em “REVOLUÇÕES E CAUDILHOS”, nos traça o pequeno perfil desse General, ao comentar sobre seu filho que residiu por muitos anos nesta cidade de Uruguaiana:

“Já se apresentava para sair ao encontro do inimigo. Por isso estava sendo organizada, apressadamente uma Divisão das três armas. Dizia-se que o inimigo andava perto. Os soldados de infantaria marchavam em cadência pelas ruas da cidade, enquanto os canhões do Cap SETEMBRINO DE CARVALHO rolavam, levantando poeira, tirados por várias parelhas de cavalos gordos. Cavaleiros cruzavam aos grupos. Cavalos eram repontados aos milhares. Próximo à cidade, junto aos arroios, ao longo das restingas, via-se até muito longe, a fumaça levantada pelos inimi-

gos nos acampamentos. Depois as forças marcharam, seu pai à frente, fardado de general, uma banda de música tocando vibrante marcha de guerra. A cidade quase vazia foi tomada pela ansiosa expectativa dos que ficavam. As igrejas e os oratórios encheram-se. As famílias castilhistas rezavam, pediam a Nossa Senhora, à Virgem do Pilar, a São Miguel, a vitória para o Gen Hipólito, para Pinheiro Machado, para Júlio de Castilhos. As famílias federalistas rezavam, pediam a vitória para o General Tavares, o General Salgado, para Silveira Martins. Uma boa parte da população havia, por cautela, passado o rio, indo refugiar-se em Paso de Los Libres...”

Enquanto isso o Cap SETEMBRINO DE CARVALHO, que se encontrava de licença em Uruguaiana, com a missão de construir os quartéis em São Borja. Fazendo parte do 6º Distrito Militar (hoje a 3ª Região Militar), sendo convidado, assume a responsabilidade em defender a sua terra natal, onde deliberou a criação de um Batalhão de Infantaria, denominado “DEFENSORES DA REPÚBLICA” e um Esquadrão de Cavalaria com o nome de “BENTO MARTINS”.



Coube o Comando dos “Defensores da República” ao próprio Setembrino de Carvalho e o de “Bento Martins”, ao Coronel da Guarda Nacional, CECILIANO DE FARIA CORREIA. (foto ao lado).

A Sociedade uruguaiense, sem distinção de classes, acorre a alistarem-se sob a bandeira dos “Defensores da República”, desde os mais altos funcionários aos mais humildes trabalhadores, constituindo as fileiras dessa força.

Mencionaremos neste, como parte imprescindível da participação de Uruguaiana nessa revolução, os entreveros e combates pelos quais se engajaram nesta luta de ambas as partes:

- A 16 de março de 93, no COMBATE DA CANELEIRA, próxima a cidade de Livramento, o Gen HIPÓLITO RIBEIRO, com as forças de Uruguaiana, juntamente com o Brigadeiro FRANCISCO RODRIGUES LIMA, põe em fuga os rebeldes que sitiavam aquela cidade.

- Em 17 de março 93, o Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO, passou, com o 6º Batalhão de Infantaria que comandava, para as fileiras federalistas, enviando correspondência a FLORIANO PEIXOTO, participando suas atitudes e procurando GASPAR MARTINS em Buenos Aires, para juntar-se a Revolução. Retornou o mesmo em julho com 800 homens, quando foi atacado pelas colunas dos Generais JOAQUIM BACELAR e IZIDORO FERNANDES DE OLIVEIRA. Retirou-se a seguir, com segurança para o Uruguai, regressando a 17 de julho e em agosto, assumiu o Comando do 2º Corpo de Exército Libertador, onde foi criado o 1º Corpo, ao Comando de GUMERCINDO SARAIVA.

FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO, em suas “MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DO BRASIL”, põe em dúvidas o recebimento do material bélico adquirido pelos revolucionários no Uruguai. Ao preparar os Batalhões de Uruguaiana, ministrando ele próprio a disciplina e instruções, adquiriram na cidade a confiança e estima pública, dissipando, com essa tropa formada, os temores de assalto à cidade e os revolucionários que se encontravam em Paso de Los Libres, foram se dispersando sem realizar qualquer represália e vinganças. Consequentemente, - comenta Setembrino de Carvalho – deveria ser dissolvido o Batalhão, não fosse a solicitação feita pelo Gen HIPÓLITO RIBEIRO em permanecerem e a aprovação do Ministro da Guerra, Marechal MOURA.

SETEMBRINO DE CARVALHO é comissionado Tenente Coronel e seu Batalhão, os “DEFENSORES DA REPÚBLICA”, passam a fazer parte da “DIVISÃO OESTE”, como Unidade de Infantaria da 4ª Brigada, ao Comando do Cel LIDIO PURPURARIO DOS SANTOS COSTA, que Comandava o 4º Regimento de Cavalaria nesta cidade (hoje o 1º RCMec – Itaquí).

Durante este período e sobre o armamento comprado no Uruguai pelos rebeldes, é contestado por SETEMBRINO DE CARVALHO. Eis como ele comenda sobre o assunto:

“Por essa época, uma força revolucionária sob o Comando do Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO (com alguns componentes do 6º RI de Uruguaiana – grifo nosso), que desertara do Exército, declarando” ABANDONEI A FARDA PARA ENVERGAR A BLUSA DE GAÚCHO “avançara até a foz do rio Quarai, no Uruguai. Ia receber um armamento que, clandestinamente, lhe seria entregue por uma embarcação de nacionalidade Argentina, denominada “CARMELITA” com procedência da mesma República. Projetou-se impedir tal recebimento. A Carmelita deveria penetrar águas do Quarai para, na margem direita, pertencente ao Brasil, efetuar a entrega do material. Barcar a foz daquele rio impunha-se como medida fundamental. Para esse fim foi contratado o vapor “FEDERAÇÃO”, que fazia navegação no rio Uruguai, pertencente à Firma “Bárbara & cia filhos”. Armado em guerra com um pequeno canhão e uma metralhadora da nossa flotilha de guerra, estacionada em Itaquí (Arsenal da Marinha), e guarnecido pelos “Defensores da República”, seguiu para a foz do Quarai. O navio era Comandado pelo Capitão-Tenente

AMINDAS JOSÉ JORGE, da nossa Marinha de Guerra. A operação militar havia, porém, a mim sido confiada pelo Gen Hipólito. Houve a esse respeito uma pequena controvérsia entre mim e o Comandante Amintas. Tudo se harmonizou.

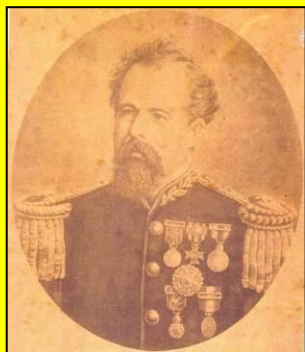
A missão consistia em um policiamento rigoroso, a fim de impedir que a “Carmelita” transpusesse a embocadura, penetrando águas do Quaraí. Além do vapor, cruzando diariamente o ponto mais acessível, utilizamo-nos de uma barça, com um destacamento de 30 homens, permanente, em determinado local do divisor de águas do nosso território com a República Oriental. Foi árdua a missão”.

Setembrino de Carvalho permanecera com sua tropa patrulhando as costas brasileiras do Rio Uruguai por dez dias, sem ter se defrontado com o Cel Salgado e sem ter encontrado a “Carmelita”, fazendo apenas algumas escaramuças em acampamentos de alguns rebeldes, que logo se dispersavam.

Em suas memórias, nos comenta Setembrino de Carvalho, futuro ministro e Pacificado da Revolta do Contestado e da Revolução de 23: “nunca foi precisamente apurado se o Cel Salgado recebeu ou não o armamento pelo território oriental” – A coluna de Salgado foi incólume.

- A 4 de abril 93, proximidades de Uruguaiana, o Cel ANTONIO FERREIRA PRESTES GUIMARÃES, determina a destruição parcial da linha férrea e telégrafo, que liga esta cidade à Barra do Quaraí, onde recebe farto material bélico, comprado em Montevidéu pelo Dr SILVEIRA MARTINS.

Esta força federalista foi desbaratada pelo Gen HIPÓLITO RIBEIRO, que, sem demora, marchara com as forças republicanas ao encontro do inimigo, derrotando o contingente que havia se apoderado da então Vila da Barra do Quaraí, nas imediações do arroio do salso de baixo.



- A 3 de maio 93 – SARANDI – um dos maiores choques acontecidos no Passo das Marmotas, próximo ao Arroio Sarandi, no Município de Alegrete, onde tivemos forte atuação.

Os rebeldes contavam com uma força mais ou menos de 6.000 combatentes e os governantes com 4.000. O entrechoque efetuado teve entre os republicanos como vencedores, porque ao cabo de seis horas de ação contínua, os revolucionários, num erro tático, abandonaram o campo de ação ao anoitecer.

A história nos tem mostrado uma grande controvérsia sobre “Sarandi”, mencionando alguns como “combate” e outros como “batalha”, tema largamente discutido entre os pesquisadores. Vejamos, pois pelo conceito daquela época em que, segundo alguns, a “batalha” desenvolvida no campo de ação entre os opositores, tinha o emprego das três armas, com o conjunto total dos exércitos, ao passo que nos “combate”, envolviam-se parte daquele conjunto aguerrido.

Atualmente, até mesmo nos dicionaristas contemporâneos mencionam a palavra “batalha”, como elemento figurativo de lutas, empregada para qualquer situação que, até mesmo os escritores da atualidade, largamente usam esse adjetivo, sem levar em conta o estudo da estratégia militar. CARL VON CLAUSEWITZ, autor da obra “DA GUERRA”, nos esclarece ainda: “Batalha é o conflito que se engaja todo o conjunto”.

- O leitor saberá definir sobre a ação desenvolvida em Sarandi.

As inúmeras fontes bibliográficas que se nos apresentam, tratando do assunto em referência, nos esclarece fatos contundentes alguns e duvidosos outros e, para que tenhamos a confirmação do tipo de ação desenvolvida nesta refrega de Espartanos e, para marcarmos a presença de alguns de nossos guerreiros uruguaienses, apresentamos, como complementação a parte de combate do Gen FRANCISCO RODRIGUES DE LIMA, e a seguir, alguns aspectos extraídos do próprio conterrâneo, SETEMBRINO DE CARVALHO, comissionado como Tenente Coronel:

“COMANDO DA DIVISÃO DO NORTE – Campo de Batalha à margem direita do Inhanduí”, 5 de maio de 1893 – PARTE – A V.Exª General-Chefe das duas divisões que, em obediência às ordens de VExª, levantei acampamento às cinco horas da manhã de ontem, da estância da Palma, fazendo com a Divisão do Norte, de meu Comando, forte de 3.300 homens, a vanguarda do Exército. Tendo ordenado ao valente Cel SALVADOR AIRES PINHEIRO MACHADO, com a 4ª Brigada de seu Comando, fizesse a vanguarda da Divisão, recebi parte do mesmo Coronel de que tinha encontrado o inimigo no Lajeado, além da estância da Palma. Dizia na sua comunicação o Coronel Salvador que o inimigo se retirara, guerrilhando na direção do passo de Inhanduí, para onde se dirigia a nossa vanguarda, perseguindo-o. Em seguida, recebi do mesmo Coronel nova comunicação, em que me anunciava que o inimigo, desta vez mais numeroso, estendia linha, sustentando guerrilhas mais intensas. Enquanto levava ao conhecimento de VExª, as partes da vanguarda, determinei ao bravo Coronel MANUEL DO NASCIMENTO VARGAS que fizesse seguir um corpo de infantaria montado, em proteção da vanguarda. Seguiu, de fato, nessa ocasião 10º Corpo do brioso Ten Cel em comissão, ERNESTO DORNELES e com ele vi o piquete do Exmº Sr Senador JOSÉ GOMES

PINHEIRO MACHADO e do intemorato republicano JOÃO RIBEIRO CARNEIRO MONTEIRO, digno Inspetor da Alfândega de Uruguaiana. Ainda não tinha voltado o Oficial que levava a VEx^a as comunicações da vanguarda, e eu já observava, pela quantidade de fumo, a veemência das guerrilhas, no outro lado do Inhanduí. Então resolvi apresentar a marcha com a Divisão de meu Comando para o teatro dos acontecimentos, o que operei com entusiasmo dos corpos e frenéticos vivas à República. Pelas onze horas desse mesmo dia estava transposta a margem direita do arroio Inhanduí, e as onze e um quarto, quando a veemência do choque da nossa vanguarda com a retaguarda inimiga das forças de JOCA TAVARES, que não se aproximava pela direita, fez aparecer a extensa linha inimiga, aumentada das forças de Salgado que, a convite de MARCELINO PINA, Comandante da retaguarda, voltava da estância de FRANKLIN. Uma légua além de Inhanduí, eu estendia, de baixo de fogo intenso, nossa linha de batalha. Da forma constitui a linha: no centro a 7^a Brigada, constituída do valoroso 30^o Batalhão de Infantaria, 9^o Corpo Provisório da Brigada Estadual e 11^o Corpo de civis de São Luiz; à esquerda, a 8^a Brigada, do Comando do Coronel CONSTANTINO RODRIGUES DA SILVA, composta de um Corpo de civis de São Francisco de Assis e outro de Santiago do Boqueirão; no centro e direita a 4^a, 5^a e 6^a Brigadas, formada de seis corpos civis de São Luiz, um de Santiago, um de Vila Rica, três de São Borja e dois de Itaqui. Comandavam essas brigadas os bravos coronéis SALVADOR AIRES PINHEIRO MACHADO, MANUEL DO NASCIMENTO VARGAS e FELIPE NERI DE AGUIAR. Comandava a 7^a Brigada o valoroso CEL ARTUR OSCAR DE ANDRADE GUIMARÃES. No centro da 7^a Brigada determinei que ocupasse posição o intrépido Cel APARICIO MARIENSE DA SILVA, Comandante do Parque de Artilharia. Com as respectivas reservas abrigadas a linha de fogo soube responder à fuzilaria inimiga com a galhardia e denodo peculiares também às forças civis republicanas. Intensíssimo o choque. Sempre baldados os esforços ingentes e ousados do inimigo, que nunca logrou romper o centro e envolver os flancos de nossa linha. A artilharia que iniciava a batalha com seus tiros certos sobre a coluna de ataque, a fuzilaria, com suas cargas mortíferas, obrigou o inimigo a mudar de plano, fazendo-o concentrar seus esforços sobre o nosso flanco esquerdo, na realidade o mais fraco. Nessa ocasião, e muito a propósito, VEx^a, chegando com a 1^a Divisão ocupou aquela parte da linha, inutilizando os planos do inimigo, com a intrepidez e proficiência que o país em VEx^a admira. Tão bem guardado ficou este flanco da nossa linha, que dele fiz retirar a 8^a Brigada, deixando, contudo, ali permanecerem os piquetes do Senador PINHEIRO MACHADO e CARNEIRO MONTEIRO. Determinei então ao Cel CONSTÂNCIO que fosse com sua Brigada reforçar o flanco direito, colocando esquadrões de lanceiros em segunda linha, de proteção ao centro. Para este ponto fiz seguir, com a permissão de VEx^a, a mando do valoroso JOÃO MARIA MACALÃO, uma Divisão de Artilharia, composta de dois canhões "WITHWORTH", para substituir a artilharia "LA HITTE" que se tinha inutilizado com a rapidez dos tiros. Devido à situação miseranda da nossa cavalaria já estropiada, já desforçada pelas longas marchas, não nos foi dado forçar o inimigo a combater em terreno que escolhêssemos. Devido também a não se ter efetuado antes a junção esperada das colunas de Salgado e Pina com as de Joça e Gumercindo, evitou sempre o inimigo dar-nos combate. No dia 3 de maio, porém, havia se formado a junção de todas as forças revolucionárias, JOCA TAVARES, guerreiro vitorioso, MARCELINO PINA, GUMERCINDO SARAIVA e SALGADO formaram um só Exército de seis mil e tantos homens. Vem morrer no passo do Inhanduí, uma coxilha, margeada à direita e à esquerda de duas sangas que nascem do planalto em que essa coxilha se continua para leste com o coxilhão, onde passa a estrada real para Alegrete. Vem estas duas sangas, cavando leito profundo, desaguar no Inhanduí, circulando o passo real. À margem esquerda da sanga que corre do planalto para cima do passo de Inhanduí, penhascos, desfiladeiros, entre rochas escabrosas, protegiam as forças de JOCA TAVARES e GUMERCINDO SARAIVA, que formavam à esquerda da linha inimiga. A Sanga que vai desaguar abaixo do passo, beirava uma coxilha, onde duas moradias, cercadas de pedras, currais, cercados de plantações, serviam de abrigo às forças de Pina e Salgado, que formavam à direita da linha inimiga. No planalto, onde nasciam as duas sangas divergentes, como num istmo que ligasse a coxilha por nós ocupada com a que ostentava suas linhas o inimigo. Guerreiro Vitória formava o centro. Protegido pelos acidentes do terreno e pelos obstáculos já descritos, apesar de muita bravura e heroicidade, não pode o inimigo, um só momento, entibiar o valor e o denodo de nossas forças que lutaram sempre de peito descoberto. Ao contrário, redobrando de coragem e de energias, nossas forças, sempre avançando, desalojavam o inimigo dos abrigos e posições que tinha ele ocupado no início da ação e dos quais foi repellido para nunca mais reconquistá-los. Quantas vezes a intrepidez da infantaria inimiga foi contida pela nossa fuzilaria? No centro, o inimigo tenaz estacou diante do fogo vivíssimo e certo do 30^o Batalhão de Infantaria, no que foi secundado pelo 9^o provisório e também pelo 11^o Corpo, todo da 7^a Brigada. À direita a 5^a Brigada do destemido Cel Vargas desalojou da sanga com muita intrepidez o inimigo sagaz que, se aproveitando do acidentado terreno, se esgueirava para posições, onde, abrigado, fazia fogo aproveitável. Com espantoso arrojo e muita bravura se houve nesta diligência a gloriosa 5^a Brigada. Quando, em esforços supremos, tentou o inimigo, em ataque combinado, romper nosso centro e direita heróica e mortífera foi a fuzilaria da 7^a Brigada, que, fazendo cada companhia unir à esquerda e com o auxílio de uma metralhadora NORDENFELDT, em descargas vivíssimas, obrigou a retroceder o inimigo debandar e muito dizimado. Igual foi o êxito do ataque do nosso flanco direito. A artilharia do bravo Tenente JOÃO MARIA MACALÃO, em tiros aproveitados, fez redemoinhar as cavalarias atacantes, que retiraram sob o intenso fogo das nossas infantarias para os abrigos naturais das rochas, onde se ocultavam as forças de JOCA TAVARES e GUMERCINDO. Dessa posição, onde forte se fizera o inimigo, foi ainda este desalojado pelas infantarias da 4^a e 5^a Brigadas e também pela carga temerária

que, na extrema direita, fez o intrépido Cel SALVADOR PINHEIRO MACHADO. Margeando as matas do arroio Inhanduí, o valente coronel, com os cavalarianos de sua Brigada, foi ousadamente ocupar as trincheiras do inimigo que em fuga as abandonava. Talvez. Se não fosse a atividade desse intrépido comandante, que com tanta tenacidade, perseguiu o inimigo, obrigando-o a dar-nos combate ou a ser vencido sem combater-nos, tivéssemos hoje a luta no território da região serrana, para onde convergiam os esforços e marchas das forças revolucionárias, e não teríamos tido as margens do Inhanduí para cenário das glórias do Exército Republicano. Repellido, sempre, o inimigo em suas tentativas de ataques, baldados todos os seus esforços, abalada a rota sua linha de combate, ganha estava a batalha. Pequenas cargas de cavalaria então se seguiram. Entre estas, cumpro-me salientar a carga feita pelos piquetes do Senador PINHEIRO MACHADO e CARNEIRO MONTEIRO que, com perda de alguns soldados, foi de êxito completo e eficaz. Sobrevindo a noite, não deixou completar a batalha com grandes cargas de cavalaria. Deixo de levar ao conhecimento de VEx^a os feitos de alta heroicidade do flanco esquerdo de nossa linha de batalha, não só porque aquele flanco está constituído por forças da 1^a Divisão, como também porque VEx^a ali dirigiu a batalha. Não posso, porém, deixar de confessar que a luta foi titânica em toda a linha. As forças republicanas e inimigas exibiram atos de muita coragem e bravura. E para que a vitória viesse coroar as hostes da República e salvá-la, foi mister o sacrifício de vidas preciosas e caríssimas ao Rio Grande do Sul. Consigno aqui, em dolorosa menção, a morte do grande patriota, prestatíssimo cidadão, sábio e caridoso médico, o Dr. JOSÉ FERREIRA DE MORAIS, (transcreveremos a seguir uma correspondência em nosso poder), morto no Hospital de Sangue, atravessado por uma bala, no momento em que pensava as feridas de seus correligionários. Teve o coração varado por uma bala de fuzil. No início do fogo, quando escolhia local para fixar o seu hospital, o inditoso patriota perguntou ao Senador PINHEIRO MACHADO: “Então, Senador, consolidaremos hoje a República e pacificaremos o nosso querido Rio Grande?” – Na linha de fogo do centro, nas fileiras do 30^o Batalhão de Infantaria, caiu, gravemente ferido, morrendo instantes depois, o corajoso e entusiasta Alferes HORÁCIO LOPES DE ALMEIDA. Infelizmente, porém, maior foi o número de vítimas, selando com sangue e vidas a vitória das forças republicanas, morreram na luta os bravos oficiais: CAP FELICIANO DE CARVALHO, do 1^o Corpo da 4^a Brigada; Alferes FRANCISCO ARGEU DO COUTO, do 7^o Corpo da 5^a Brigada e Alferes do 9^o Corpo PROVISÓRIO DA 7^a Brigada, CANDIDO ROSA. A Divisão do Norte, sentindo profundamente os vácuos abertos em suas fileiras, pelo desaparecimento desses patriotas, guarda seus exemplos de virtudes cívicas e venera suas memórias, bem como os demais camaradas, inferiores e praças de pré, mortos no campo de honra. Mais felizes do que estes foram os que, em holocausto à República e à Pátria, derramaram seu sangue no ardor da pugna gigantesca, conservando nas gloriosas cicatrizes as provas indeléveis de seu valor e heroísmo: Ten Cel ACURSIO DE SÁ, Comandante do 9^o Corpo Provisório; Cap JOÃO PEDRO DO ROSÁRIO, Fiscal do 30^o Batalhão de Infantaria; Cap ARÃO DE ATAÍDE ESCOBAR, do Estado Maior da 5^a Brigada; Ten JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA; Alferes HEMETÉRIO DA SILVA POMPEU e Alferes CONCEIÇÃO DE VARGAS, do 8^o Corpo da 4^a Brigada; Ten ANTONIO SARMENTO, do 9^o Corpo da 7^a Brigada; Ten ALBANO DE OLIVEIRA BUENO, do 7^o Corpo da 5^a Brigada e Alferes do 6^o Corpo da mesma Brigada, LEOPOLDINO PEREIRA DA LUZ. Ia esquecendo o nome do Ten Cel ANTONIO FERNANDES DO SANTOS, Comandante do piquete do Senador Pinheiro Machado, ferido gravemente, na mão e ventre, quando VEx^a tão heroicamente dirigiu com aquele piquete e poucos soldados, mais a pequena carga de cavalaria tão audaz, quanto pródiga de resultados. Consigno também em menção honrosa, o nome dos bravos e intrépidos comandantes de brigadas e comandante geral da artilharia, Coronéis ARTUR OSCAR DE ANDRADE GUIMARÃES, SALVADOR AIRES PINHEIRO MACHADO, FELIPE NERI DE AGUIAR, CONSTÂNCIO RODRIGUES DA SILVA e APARICIO MARIENSE DA SILVA. Qual deles teve mais valor, mais calma, mais sangue frio no momento da luta, mais ardor no ataque, mais entusiasmo pelas suas brigadas? Todos eles iguais. A espontaneidade patriótica de seus esforços, a invejável bravura que desenvolveram, a correção com que dirigiam as forças de seus comandos, foram poderoso motivo para que a vitória saudasse os bravos defensores da República, no Rio Grande do Sul. Recomendo, pois a VEx^a os nomes desses beneméritos cidadãos. Apresento a VEx^a, os nomes dos oficiais empregados no meu estado maior, os quais se houveram com solícita atenção junto a mim, sempre prontos a receber e transmitir minhas ordens: Ten Cel MANUEL DA SILVA SOARES, assistente do quartel- mestre geral: capitães ajudantes de ordens JOSÉ VELOSO BANDEIRA e ANTONIO MONTEIRO ALVES; ten GUILHERME BANDEIRA e Coronel JOÃO FERNANDES BARBOSA. Grave seria a injustiça se silenciasses sobre os nomes dos Drs CANDIDO MACHADO DA SILVEIRA, Nestor Cavalcanti E GUILHERME ANDRADE, cuja desvelada solícitude e capacidade cirúrgica, posta à prova durante e depois da batalha, concorreram poderosamente para diminuir os males que os projéteis do inimigo tendiam a produzir, cuidando zelada e carinhosamente os nossos feridos. Merecem, porém, menção especial o honrado inspetor da Alfândega de Uruguaiana, JOÃO RIBEIRO CARNEIRO MONTEIRO, e Senador JOSÉ GOMES PINHEIRO MACHADO. Aquele abandonando a sua posição tranqüila de chefe de uma repartição fiscal, à frente de 40 moços, guardas daquela Alfândega, veio para o campo da luta defender com seus leais companheiros a sociedade Rio-grandense, ameaçado em seus fundamentos, e as instituições republicanas, a cuja radicação se quer embalde obstar. No momento da ação, com a bravura e denodo que seus precedentes deixavam antever, se soube ele conduzir com seus bravos companheiros. Quanto ao que fez o Senador PINHEIRO MACHADO, limito-me a dizer: ele personificou no momento o dever cívico. Sua atividade desdobrou-se em todos os pontos da linha. Sua presença esteve em toda a parte. Sua palavra de entusiasmo, de animação e de conforto foi ouvida por todos. Seus

exemplos foram seguidos pelos mais bravos. Levando ao conhecimento de VEx^a esta parte circunstanciada dos fatos decorridos no memorável dia 3 de maio, peço licença a VEx^a para juntar as partes dos comandantes de corpos, solicitando-vos para fazer meus os conceitos e pedidos que nelas se contém. Saudando respeitosamente VEx^a, rogo me seja permitido oferecer-lhe as mais expansivas congratulações pelo brilhante feito d'armas que mais uma vez enaltece o nome de VEx^a, e revela ao país que é rediviva a glória militar do grande General HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO – Ao Ilm^o e Exm^o Sr Gen HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO, digno Comandante Chefe do Exército em operações ao norte do Estado – General FRANCISCO RODRIGUES DE LIMA”.

Conforme narramos anteriormente, sobre o médico que tombou nesta batalha, Dr JOSÉ FERREIRA DE MORAES, transcrevemos uma correspondência em nosso poder, do seguinte teor:



- De uma correspondência data de 4 de março de 1975, do Sr VICTOR MANOEL OLEA DORNELLES, desta cidade, em que menciona a atuação do referido médico:

“JOSÉ FERREIRA DE MOARES (Foto ao lado) – Nasceu em 3 de maio de 1857 e morreu em 3 de maio de 1893. Filho do Cap MANOEL FERREIRA DE MORAES e de ANNA LOPES DA SILVA. Natural de São Borja – Província do Rio Grande do Sul.

Recebeu por morte de sua avó, um testamento que se destinava a educação do menor JOSÉ FERREIRA DE MORAES. Logo que se ultimou o referido testamento, o menino foi enviado para a cidade do Rio de Janeiro, para que se cumprisse a manifestação de última vontade de sua avó. A viagem, nessa época, realizava-se no lombo do cavalo até a cidade do Rio Grande e daí a vapor até a cidade do Rio de Janeiro.

Colou grau de doutor (médico), depois de ter defendido tese e sido aprovado com distinção, conforme carta de Doutor em Medicina, fornecida pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 1882, assinada pelo Diretor da faculdade, Dr. VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABÓIA. Seu Diploma foi registrado na Secretaria da Câmara de São Borja, à Fl. 19 do livro nº 2, em 15 de março de 1883.

Para que os interessados possam compreender a grandeza do espírito de abnegação pelo exercício da medicina, citarei a dedicatória do Dr. ZEFERINO ALVES FERREIRA, em seu livro “OS DOZE GRANDES REMÉDIOS”, como segue: Tu, Doutor José Ferreira de Moraes, que nunca perdeste cá neste vale de lágrimas, a ocasião de fazer caridade ao teu povo e a estranhos; tu a quem o povo samborjense chamava o “Pai dos pobres”, tu, a quem tantas vezes deu além de tua visita médica aos pobres, também deu dinheiro para a compra dos medicamentos, tu, que nunca mediste sacrifício para atender a teus pobres, porque dedicavas verdadeiro amor, tu que oferecestes a tua vida pelo amor a humanidade, caindo mortalmente ferido quando extraia uma bala do corpo de um combatente em Inhanduí, no município de Alegrete, em 3 de maio de 1893. Lembro-me bem: era eu teu auxiliar nesse momento de egoísmo brutal, em que se trocavam vidas por vidas. Tu que me aconselhavas como a um filho e procurastes transmitir-me os teus conhecimentos inumeráveis de ciências, tu que como verdadeiro amigo, ainda agia sobre mim, caridosamente, guiando-me na minha orfandade precoce, dando-me forças para o início da minha marcha pela via-crúcis; dedico a tua memória o mesquinho fruto de um trabalho”.

Da Certidão de Assentamentos do Ten Cel Comissionado FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO, extraímos, através desta, sua atuação em SARANDI, confirmando, além da presença da arma de artilharia nessa ação, sua formação tática de origem, encarregando-se também, de uma bateria da arma:

“... ainda em fins desse mês (abril), tendo chegado quatro peças de artilharia WITHWORTH de campanha, sem, entretanto, os componentes pessoais, e em atenção aos conhecimentos técnicos do peticionário, e mesmo por ter ele servido arregimentado por muito tempo na arma de artilharia, foi encarregado pelo Comando da Divisão da organização de uma bateria com pessoal mesmo dos corpos de cavalaria, de modo a funcionar o mais breve possível, e o fez com admirável tino e presteza. Assim é que a referida bateria acompanhou a Divisão, quando unida à do Gen Lima e Pinheiro Machado seguiu ao encalço da coluna inimiga, já forte de seis mil e tantos homens, cujo encontro teve lugar a 3 de maio em Inhanduí, onde o peticionário recebeu seu batismo de fogo na primeira batalha após a invasão. Ali, o peticionário, com seu corpo e bateria em batalha à direita de minha Brigada, vi-o funcionar até como Chefe de Peça, dando assim exemplos de sublime valor aos seus comandados, e conquistando os aplausos unânimes dos companheiros, que tomaram parte naquela memorável ação, pelo seu heróico procedimento...”.

Prosseguindo na dissertação de suas memórias, Setembrino de Carvalho, nos comenta, concluindo a duvidosa vitória desse dia entre os combatentes:

“... Iniciada a ação pela manhã, somente às 12 horas chegou ao terreno a Divisão Oeste. O Cel Salvador Pinheiro Machado, mais tarde General Honorário, Comandante da vanguarda geral, engajou-se a fundo com o inimigo sem observância dos preceitos de guerra. Agiu precipitadamente.

Nossa Divisão havia bivacado na estância do Cel João Palma, onde chegara a noite do dia 2. Ao clarear do dia 3 movera-se em direção ao passo do Inhanduí.

Marchava à retaguarda da Divisão do Norte.

Pelas 11 horas, quando mais de léguas distávamos ainda do referido passo, recebi ordem do Gen Hipólito, dada pessoalmente, de avançar com a artilharia. Viera a todo galope da frente, declarando que a Divisão Norte havia engajado a ação. O inimigo, em face da perseguição, julgara acertado tomar posição, aceitando a luta. Parece ter sido também o resultado de combinação prévia, como já dissemos, a escolha, por ele, do local em que combatemos, por isso que aí se achavam reunidas todas as forças revolucionárias, conforme igualmente já referimos. É de supor que houvesse marcado Salgado este ponto para encontro. Ele havia evitado, até então, o choque pela sua inferioridade numérica. Aguardava, pois, a junção com as outras colunas que, em socorro, vinham para o local escolhido. Não passa isso de conjecturas. São hipóteses para o caso. Quem escrever a história dessa jornada, sem dúvida a mais importante em território Riograndense, em fontes seguras descobrira a verdade.

À voz do General: “Comandante, avance com a artilharia, o inimigo está na frente”, um frêmito de entusiasmo percorreu as fileiras de meu comando. Pareceu mesmo, contagiar os animais! Os de tração da artilharia vinham já sem forças para tirar as peças. Não havia reservas. Cada viatura dispunha do número indispensável.

Pois bem, ao toque de artilharia “a trote” e em seguida “a galope”, em um supremo esforço, arrancaram corajosamente, e assim passaram o Nhandu, atravessando extenso areal. A infantaria dos “Defensores” em acelerado acompanhamento galhardamente a artilharia...”

Às 13,30m horas entraram em linha de batalha – narra o Ten Cel Setembrino de Carvalho. Destacaram as peças para a direita da Divisão em uma Seção, ao Comando do 1º Ten JOÃO MARIA MACALÃO, que embora pertencesse a cavalaria, teve também sua formação na artilharia. A outra Seção permaneceu com Setembrino de Carvalho, tendo como auxiliar o Ten ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS. Nas peças de artilharia improvisadas por Setembrino foi de muita importância o apoio dos tenentes acima, por não dispor, no momento, oficiais da referida arma, com conhecimento dos canhões WITHWORTH, anticarga, raiado. Esse material, fora enviado do Rio de Janeiro por Buenos Aires, acompanhado por dois Sargentos e 30 praças, incorporando-se a Divisão. Dias após o combate, foi incluído o 1º Ten JOSÉ LEANDRO BRAGA CAVALCANTI, que recentemente chegado, assumiu o Comando de uma Bateria.

Ainda sobre a ação desenvolvida na região de Inhanduí, Setembrino de Carvalho nos esclarece mais:

“... Em nossa opinião o resultado ficou indeciso. Após uma luta de 12 horas proximamente, a vitória não pendeu positivamente para lado algum. Ao cair da noite o fogo cessou, conservando os combatentes suas posições. Poucas baixas, entre mortos e feridos, relativamente aos efetivos engajados, apesar do grande dispêndio de munição de parte a parte. A falta de instrução da tropa, em grande maioria constituída de civis, e nenhuma disciplina de fogo, não poderia deixar de produzir o gasto notável de munição. Convém notar que o mesmo inconveniente existia nas unidades do Exército. Estas não conheciam táticas de fogo. Os oficiais inclusive comandantes ignoravam os mais insignificantes rudimentos de combate...”

Dissemos que neste combate ou batalha, como quiserem, a sorte das armas não pendeu para nenhum dos partidos. Os legalistas, somente por uma circunstância se podiam considerar vitoriosos. É que conservaram o terreno, mantendo as posições ocupadas ao começar a luta. O inimigo, às 10 horas da noite, bateu em retirada, apesar de não haver perdido terreno. A deliberação de abandonar o campo, quando as aparências indicavam a continuação do combate para o dia seguinte, atribuíram-na a causas diversas. Entre elas, como já ficou dito, a que de que coluna legalista, sob o Comando do Gen Telles, marchava em direção ao Inhanduí, ameaçando os federalistas de flanco e retaguarda. Outra, que haviam esgotado a munição. Não possuímos elementos para opinar a respeito...”

- A 25 de setembro de 93 – Ao transpor o Passo de Mariano Pinto sobre o rio Ibicuí, a coluna federalista do Cel LUIZ SALGADO, teve sua retaguarda cortada pelo repentino ataque da Divisão do Norte, que faziam parte gente de Uruguiana;

- A 27 de fevereiro de 1894 – Novamente em Caneleiras, próximo a Livramento, o destacamento das forças do Cel DAVI MARTINS, foi surpreendido, quando acampado, pelas forças do Gen HIPÓLITO RIBEIRO. Recuando aquele Coronel para o passo de Sarandi. Nova carga do General o derrotou, provocando a debandada e o massacre de 200 combatentes que ficaram mortos, elevado número de feridos e 150 prisioneiros.

- A 7 de junho de 1894 – Combate da Encruzilhada – os adversários que a dois meses antes haviam pelejado em Ponche Verde, são abatidos pelo Cel Hipólito Ribeiro e Marcelino Pina.

- A 24 de junho de 1894 – Em campo Osório, município de Livramento, o Almirante SALDANHA DA GAMA é derrotado e morto, em luta campal pelas forças do Gen Hipólito Ribeiro. Nesta luta, veio a falecer o uruguaianense, jovem, LAERTE CARVALHO.

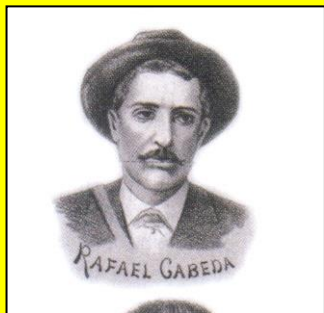
Sobre a Revolução Federalista, devemos levar em conta que, embora tenha nascido no nosso estado, tornou-se de âmbito nacional, devido aos fatos políticos da época, quando teve grande influência militar pela Revolta da Armada.

Tratando-se dos fatos e participação da cidade de Uruguaiana, nesta guerra de “degolas e de bárbaros”, como é tratada num todo, realmente foi a mais sangrenta das revoluções que assolou os campos do Rio Grande do Sul.

Na convicção de apresentarmos o envolvimento do município nessa revolução, sem nos atermos a particularidade de suas facções, deixamos ao próprio leitor o seu conhecimento e quem sabe, o julgamento da própria história.

Ao complementarmos os subsídios para esta história, em uma publicação do Ministério Público Estadual, nos vem a lume, com edição de 2002, da obra “OS CRIMES DA DITADURA – A HISTÓRIA CONTADA PELO DRAGÃO”, escrito o original, durante a própria revolução, por RAFAEL CABEDA, denominado na história como o “PALADINO” – Jornalista e combatente, juntamente com RODOLPHO COSTA e que seu parente CORALIO B.P. CABEDA, juntamente com RICARDO VAZ SEELIZ e GUNTER AXT, ousadamente nos traz esta brilhante e histórica publicação.

SEJANES DORNELES, um dos biógrafos de GUMERCINDO SARAIVA, nos traça o perfil de RAFAEL CABEDA, que foi um jovem maragato de destaque na fronteira de Santana do Livramento e Uruguai, contribuindo com a revolução, como contato com GASPAR SILVEIRA MARTINS. Operou na fronteira executando guerrilhas no marco dos Lopes, nos galpões e na Coxilha Negra, tendo como adversário ferrenho, o “HIENA DO CATI – Cel JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE SOUZA”



Ao lado, RAFAEL CABEDA

O aparecimento da obra “OS CRIMES DA DITADURA”, tem seu apogeu quando RAFAEL CABEDA e RODOLFO COSTA, mantinham o jornal “O MARAGATO”, órgão político de orientação federalista de oposição ao castilhismo que criticavam os desmandos e abusos, principalmente do Cel JOÃO FRANCISCO. Durante suas publicações, foi coletando depoimentos de crimes acontecidos no estado. Mais tarde, durante o ataque a redação, foi queimada, e os jornais foram empastelados.

Da série de publicações que foram preservadas e republicadas na referida obra, extraímos as de interesse que diz respeito à cidade de Uruguaiana:

- Em 1893 – A 5 de janeiro – “Aparece no “ ECHO DO SUL”, da cidade de Rio Grande, um protesto assinado por grande número de oficiais do Exército em serviço na Guarnição de Bagé, verberando o procedimento da patriotada de Uruguaiana, que desacatou o Major AFFONSO ALVES DE MORAES, do 6º Batalhão de Infantaria, hoje Tenente Coronel Comandante do 4º Batalhão”.

Dava-se o subjetivo “patriotada”, a todos aqueles ligados a Júlio de Castilhos e contrário aos republicanos. E a unidade em referência, 6º batalhão de Infantaria, tinha realmente nesta época, sede em Uruguaiana.

- Em 1894 – A 9 de fevereiro, “Noticiou uma folha do litoral que, na noite de 9 para 10 de janeiro, fora assaltada a casa comercial do Sr. LUIZ CANABARRO, estabelecida em Touro Passo, município de Uruguaiana. Os bandidos, aproveitando-se da ausência do dono da casa, que se achava na cidade, forçaram a esposa do mesmo a confessar onde estava o dinheiro, o que conseguiram depois de haverem maltratado muito a indefesa senhora. Depois disso saquearam completamente o estabelecimento, cujos despojos levaram em cargueiros. Como de costume, não foram punidos os autores do saque”.

- Em 1896 – A 17 de janeiro – “Chegou a Uruguaiana o General HIPÓLITO RIBEIRO e nessa ocasião deram ali fatos criminosos praticados pelos castilhistas:

- Pelo Comandante da Guarda Nacional foram agredidos em suas casas e nas ruas diversos cidadãos, entre eles o Ten Cel AZAMBUJA CIDADE e o Sr. EDGAR CARVALHO. Foi ferido gravemente o Professor público MANOEL JOAQUIM DOS SANTOS, e espancados os cidadãos OLEGÁRIO FIALLET e PACHECO, praças do 6º Regimento...”

O “6º Regimento...” a que a nota acima se refere, por erro na época, supõe se tratar do 6º Batalhão de Infantaria, pois nesse período não existia algum Regimento com a numeração de 6º.

- Em 1898 – Em novembro – “O prestimoso federalista Dr. ANTONIO AUGUSTO DE CARVALHO, transmitiu de Uruguaiana o seguinte telegrama: Políticos desvairados processam-me. Escapei de ser assassinado. Tomam tudo. As autoridades consentem que se cometam tropelias. Comuniquei fatos. Dr. Carvalho”.

No rodapé do Telegrama acima, lia-se sobre o Dr. ANTONIO AUGUSTO DE CARVALHO – “Advogado, jornalista e Promotor Público”. Durante a revolução federalista foi chefe do Estado Maior do Corpo de Exército, comandado pelo Gen LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO. Publicou um livro sobre esse período”.

- A 25, “O Dr. ANTONIO AUGUSTO DE CARVALHO, legítima influência do Partido Federalista da cidade de Uruguaiana, onde residia, telegrafou ao “Correio do Povo”, de Porto Alegre, nos seguintes termos: “Telegrafei ao Presidente do estado denunciando estar com a vida ameaçada por assassinos garantidos pela impunidade das autoridades locais. Também pedi garantia ao Comando da Guarnição”. O Governador não deu providência alguma. O Dr Carvalho, podem entretanto, conservar-se ainda por algum tempo em Uruguaiana, devido unicamente às garantias dadas pelo Comandante da Guarnição, Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO. Mas, ao ter o Coronel Salgado que se retirar dali por alguns dias, em objeto de serviço militar por ter sido distinguido pelo Governo Federal com a honrosa comissão de inspecionar o 11º Batalhão de Infantaria, aquartelado em Livramento. Quatro ou cinco dias depois, o Dr Carvalho teve de emigrar para a República Argentina, a fim de não ser assassinado.

As autoridades civis, de combinação com oficiais de linha, à frente dos quais se salientava MARCOS CURIUS, haviam planejado o seu assassinato, a pretexto de que a vítima procurava sublevar os corpos ali de guarnição. Para que? Com que fim? – Mentirosos, perversos, assassinos, não recuam ante os meios desde que atinjam os fins”.

No roda-pé desta transcrição, referindo-se ao Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO:

- “Durante a Revolução federalista deixou o Comando do 6º Batalhão de Infantaria (Uruguaiana), para juntar-se aos revolucionários. Feito General, não conseguiu conciliar-se com Gumercindo Saraiva por muito tempo, dele separando-se em Santa Catarina. Após malograda tentativa de tomar a cidade de Rio Grande, acabou por internar-se no Uruguai. Anistiado, retomou a carreira militar, com grande contrariedade de Castilhos, que o via como parte do “cordão sanitário”.

- Ainda em 1893 – Em dezembro – “O Jornal” de Uruguaiana denuncia estarem envolvidos oficiais do Exército nos lamentáveis sucessos ali ocorridos com o jornalista Dr. JOSÉ CANDIDO ALVIM, redator e proprietário do “O POVO”, órgão oposicionista. Em vista de tal denúncia, o Cel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO, Comandante daquela guarnição e fronteira, constituiu uma comissão para proceder ao inquérito.

O General JOSÉ MARIA MARINHO DA SILVA, Comandante do Distrito (6º Distrito – hoje 3ª RM), mandou submeter a conselho os oficiais implicados nesse e em crimes subsequentes.

No dia 13, devido ao fato ocorrido com o Dr. JOSÉ CANDIDO ALVIM, um furriel do 3º Regimento de Cavalaria, (hoje 5º RCMec, Quaraí), RUBENS NIELSEN, irmão de RAUL NIELSEN, suposto redator (testa de ferro) do “Republicano”, órgão oficial dos situacionistas, agrediu o redator do “O POVO”, Dr. Alvim, que, em legítima defesa, matou aquele com um tiro de revólver”.

Em consequência desse sucesso, a polícia castilhistas, dirigida pelas autoridades locais, em seguida dirigiu-se à redação do “O JORNAL”, que desde o começo vinha censurando esses atos de vandalismo contra a liberdade de imprensa, e o empastelaram e destruíram as suas oficinas.

O nosso ilustre e abnegado colega BERNARDINO CAMARA CANTO, seu redator, denuncia como autores desse ato vandálico: AFFONSO DA SILVA PEREIRA, Subintendente – Alferes do Exército, ANTONIO ORTIZ – cunhado do Intendente Portugal (Gabriel Rodrigues Portugal); ALCEBIADES PEDROSA, escrivão de órfãos e sobrinho do Intendente; um tipógrafo e mais dois indivíduos sem qualificação social. Os criminosos ficaram impunes.

No mesmo dia em que empastelaram “O jornal”, o Dr. Carvalho foi vítima de nova tentativa de assassinato, da qual escapou milagrosamente.

Destes fatos ali ocorridos trata o novo “quadro negro”, que sendo omisso na exposição de alguns deles, julgamos conveniente mencionar estes nas respectivas épocas, para maior clareza”.

- Em 1899 – 8 de maio – “A imprensa oposicionista publica em todo o estado o seguinte telegrama, que provocou veemente protestos de solidariedade por parte de toda imprensa independente contra o atentado sofrido pelo “O jornal”, de Uruguaiana: “Uruguaiana. Acaba de ser arrombada e empastelada a tipografia do “O jornal”. O atentado é atribuído ao Inspetor da Alfândega, NICO MONTEIRO, Chefe político, acusado de contrabandista pela mesma folha. No crime tomou parte o Intendente Municipal. Grande indignação. Foram disparados muitos tiros contra várias pessoas que estavam no escritório da redação. Há vários feridos de gravidade. BERNARDINO CÂMARA, redator do “Jornal”. ‘O Povo’, jornal que se publica naquela mesma cidade, tratando desse fato criminoso atentatório à liberdade da imprensa, a obra de NICO MONTEIRO, chefe político e Inspetor da Alfândega para a qual entrou pobre como “Jô” e saiu rico como “Crésó”, declara que “na ocasião do assalto à Tipografia achavam-se ali dois menores, que não

foram poupados pelos bárbaros assaltantes. Um filho do Sr Burgos, de 13 anos de idade, foi atroz e barbaramente espaldeirado, recebendo ainda um talho no rosto. Outro, parente do redator do "jornal", de 12 anos de idade, filho de JOSÉ JARDIM, recebeu uma bala na coxa, a qual os médicos não puderam extrair. Como não encontrassem o redator, levantaram a mão sacrílega para ferir indefesas crianças. No leito da dor, têm passado noites gemendo as vítimas da perversidade política."

Em princípio do mês de maio, ainda em 1899, com o reaparecimento do "O jornal" de Uruguaiana, depois do assalto que sofreu, publicou uma longa lista dos acontecimentos de Uruguaiana, com o título: "NOVO QUADRO NEGRO – OS CRIMES – AS VÍTIMAS – SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO CASTILHISMO", que transcrevemos a seguir:

"Assassinato de um chefe de família paraguaio, por ordem do Intendente Portugal, vindo para a cidade o cavalo em que montava a vítima para ser presenteado a um filho desta.

O então Promotor Público JOSÉ CÂNDIDO ALVIM esforçou-se para que fossem punidos os culpados, mas nada conseguiu.

Portugal deixou que percesse na prisão um policial que, fazendo parte da escolta, recusou-se degolar o pobre paraguaio.

- Um íntimo de Portugal, ZECA SOUZA, depois de haver assassinado, na presença de autoridades, publicamente, em uma corrida de cavalos, um pobre cocheiro de nome DELFINO, crime que ficou escandalosamente impune, cometeu outro assassinato, por diversão talvez, na pessoa de um pobre trabalhador, peão do pedreiro GALMARINI.

O infeliz moribundo esteve muitas horas na Subintendência com a maior crueldade, sem nenhum socorro, até que morreu enquanto o criminoso preparava-se para seguir a cavalo para o Estado Oriental, como seguiu sem que tivesse sido incomodado pelas autoridades.

- Outro amigo de Portugal, um tal AZAMBUJA, acoroçado pela proteção daquele e pela impunidade deste, matou um seu camarada quando este dormia na mesma cama de que Azambuja se havia levantado.

- Em princípio do ano de 1898, guardas da Alfândega, empregados na estância do Inspetor NICO MONTEIRO, prenderam ANASTÁCIO MAIDANA e DOMINGOS NUNES, cidadãos argentinos. No trajeto para Uruguaiana, os degolaram, lançando os cadáveres no arroio Imbaá, onde foram dias depois encontrados pelo Alferes do 4º Regimento JOSÉ PEREIRA MAIA, que levou o fato ao Cel Godolphim, então Comandante da Guarnição. (4º Regimento de Cavalaria – e Comandante, o Cel MANOEL JOAQUIM MENNA BARRETO GODOLPHIM - esta Unidade está hoje na cidade de Itaqui, como 1º RCMec).

- Em fins de 1897, o Dr ANTONIO AUGUSTO DE CARVALHO recebeu a queima roupa um tiro de revólver Negant, quando desprevenidamente se achava à porta de sua casa, rodeado dos filhos, tendo um pequenino nos braços. O ferido declarou que os mandantes da tentativa de assassinato eram HERMES LINDOCÂMARA, JOSÉ CÂMARA CANTO e o Juiz de Comarca PEDRO MIBIELLI. O mandante foi logo depois conhecido – um primeiro-Sargento do 3º Regimento, de nome ANDRÉ GARCIA (3º Regimento de Cavalaria – hoje, o 5º RCMec de Quarai).

O crime e os criminosos, notoriamente conhecidos e apontados em todos os ângulos da cidade, continuam impunes, sendo que o indigitado JOSÉ CÂMARA foi dias depois nomeado suplente do Juízo Distrital.

- No mesmo dia desse atentado houve outros na mesma cidade de Uruguaiana, notando-se nas calçadas das ruas, por toda a parte, abundantes nódoas de sangue.

- Não há muitos meses, foi barbaramente assassinada, nos subúrbios da cidade, uma pobre e indefesa mulher, e os seus assassinos, GABRIEL ROBIM e MAXIMIANO ROBIM, ambos primos de HERMELINDO CÂMARA e amigos dos escritores do Republicano, ainda estão impunes.

- O Dr AUGUSTO DE CARVALHO, de que já falamos, tem escapado de outras ciladas e em uma delas, o mandatário feriu-se com a própria arma que levava para a prática do crime.

O rastro de sangue perdeu-se nas imediações da casa de um dos indigitados e amigos da Executiva.

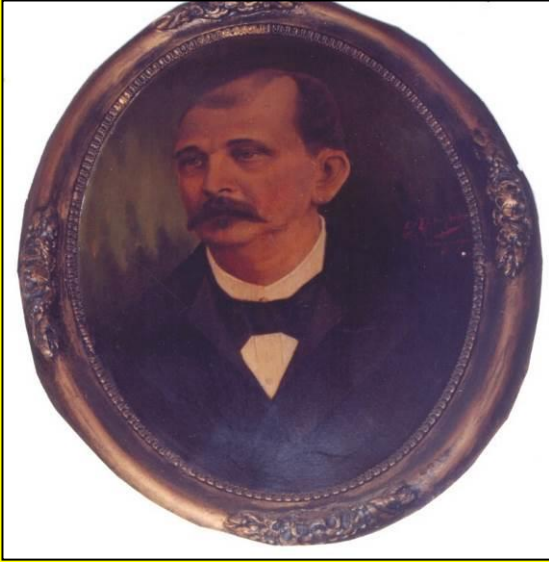
- Outros cidadãos, como JOÃO DE MELLO, Dr. EDUARDO FERNANDES LIMA e CÂNDIDO SOUZA, têm estado sob ameaças de morte, tendo sido salvos por prévios avisos de amigos.

- O cidadão JOÃO SOARES foi atacado por um grupo de guardas da Alfândega, que lhe dispararam muitos tiros de Mauser, e escapou milagrosamente.

- O advogado JOÃO MELLO foi assaltado, quando em um carro recolhia-se à casa de sua família, por um bando de guardas da Alfândega que lhe dispararam diversos tiros.

- O já citado Dr Carvalho, em pleno Tribunal do Júri, escapou de ser assassinado enquanto ocupava a tribuna da defesa. Presidia o Júri, o Dr Mibielli, que se conservou impassível quando o grupo dos seus amigos deu a voz de matar. O Coronel Intendente, Portugal, estava do lado da tribuna do agredido... O mesmo advogado, em audiência do Juiz Distrital, foi provocado e insultado por amigos da situação, entre os quais se salientava JOSÉ CÂMARA CANTO, que da audiência, com os bacharéis Sérgio e Góis, dirigiu-se para a casa de Felisberto Leão, certamente para referir o malogro da tentativa.

- O cidadão francês, ALBERTO LARRÉ, estando em um jantar íntimo na casa de um amigo, foi ameaçado de morte pelo Intendente, GABRIEL RODRIGUES PORTUGAL, que já havia antes feito a mesma ameaça a esse cidadão, na Intendência, quando ele ali fora pagar impostos municipais.



Ao lado, CEL GABRIEL RODRIGUES PORTUGAL

O cidadão ameaçado queixou-se ao Ministro do seu país, o qual tomou as providências que o caso determinava.

- O governista CONSTANTINO ETCHEVERY foi agredido pelo atual Comandante da Polícia, em um baile, na Intendência Municipal.

Em outro dia, o mesmo cidadão, em casa do Major PEDRO GARCIA FILHO, foi agredido pelo Escrivão ALCIBIADES PEDROSO, sobrinho do Intendente Portugal, por ocasião do casamento de uma cunhada, saiu para a rua armado de revólver e espada para agredir os moços que assistiam ao casamento do lado de fora da casa. Os agredidos, filhos do Major Garcia, repeliram a agressão.

Em todas as festas promovidas pelos executivos em honra de seus amigos, têm sido desacatados, em suas próprias casas, muito

cidadãos pacíficos não pertencentes à comunidade castilhistas, e não existe ninguém em Uruguaiana que ignore esses fatos, que tanto escandalizam a opinião pública.

- Quando o Governo da União, de acordo com os bravos Generais Mallet e Cantuária, resolveu nomear o Coronel LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA SALGADO, para Comandar a Guarnição e Fronteira de Uruguaiana, os castilhistas lançaram mão de todos os recursos, mesmo os mais ignóbeis, para impedir que se realizasse a salvadora nomeação.

- Não houve intriga que não lançassem mão, não houve boato que não espalhassem, com o fim de malograr os insultos humanitários do governo.

Desenganados do bom êxito desse estratagemas, recorreram ao crime. Foram aos quartéis e procuraram levantar os corpos contra a autoridade do Coronel Salgado.

Conquanto alguns oficiais e inferiores a isso se tivessem prestado, a maioria das corporações repeliu o plano, que foi descoberto e malogrado. Os adversários castilhistas pensaram, segundo foi público, em mandar assassinar em viagem o Coronel Salgado, protegidos pela notícia que espalharam da existência de bandos de ladrões na campanha. O contentamento manifesto na cidade de Uruguaiana, pela chegada do Cel Salgado, militar distinto e disciplinador, contrastou com a explosão de ódio por parte do castilhismo local.

O órgão dos executivos, anonimamente redigido e dirigido pelo energúmeno Juiz Mibielli e pelo Tenente de Cavalaria, Trajano César, entrou em ação, dispondo de todos os elementos de anarquia, açulando a indisciplina nos quartéis, abusando de alguns moços, levando-se a escrever artigos ofensivos à disciplina aos seus superiores, ao Primeiro Magistrado da Nação e ao Ministro da Guerra. Ao mesmo tempo, reunindo-se os diretores mentais dessa campanha de ódios, excitaram os inconscientes a ir mais longe, a cometer os mais revoltantes crimes, sob a promessa de impunidade. Esta desgraçada propaganda teve os mais funestos resultados.

Tendo o Cel Salgado de ausentar-se temporariamente, este passou o Comando da Guarnição ao Tenente Coronel VICTORIANO MACIEL.

Foi então que os furiosos castilhistas, aproveitando o ensejo, incitaram o inditoso Furriel Rubens Nielsen, do 3º Regimento de cavalaria – (remanescente do atual 5º RCMec), a pretextar de desafrontar o seu irmão, suposto Diretor do Republicano, a atacar, em pleno dia, e em rua a mais concorrida da cidade, o distintíssimo Redator do “O povo”, o qual com galhardia respondeu ao ataque à arma de fogo, com duas ou três detonações do seu Smith, prostrando por terra o agressor.

Narrando miudamente os fatos, diz o jornal – “esta cena, que enlutou duas famílias, não consternou os seus responsáveis. Ao odor do sangue cresceu de ponto a sua ferocidade: estavam embriagados, queriam se afogar em mais sangue! Os sentidos estavam delirantemente excitados pelo sangue que havia jorrado. Era preciso mais, muito mais, em tal profusão que os extasiasse, que os deixasse imersos na indolência da sociedade!”

Pediram o auxílio do Ten Cel Maciel, e o tiveram: as forças de linha estiveram à sua disposição, e as diligências entregavam-se aos mais exaltados. A sociedade foi entregue ao terror e ao sítio durante três longos dias... Procuravam em toda parte a primeira vítima, para depois dela serem sacrificadas outras. As casas de família, as mais respeitáveis, foram varejadas pelas autoridades da Executiva, seguidas e apoiadas por oficiais do Exército.

A tipografia do “O jornal” foi empastelada, os móveis foram destruídos, os aposentos do redator invadidos e dilaceradas as roupas pelo Subintendente e por outros amigos de Gracchus, oficiais do Exército, como Alferes Ortiz, cunhado do Intendente Portugal, tudo à face da sociedade consternada e aterrada por esses sucessos.

Nesses três memoráveis dias de sítio, a sociedade presenciou os atos de maior selvageria.

Uma escolta, sob o Comando do Alferes Ortiz, saiu para a Campanha percorrendo as estâncias, varejando violentamente as casas de família em horas adiantadas da noite, levando o susto, o terror e as desgraças por toda à parte. Uma senhora, mãe de família, esposa de EMIGIDIO GUIMARÃES, perdeu a razão, indo desvairada cair desfalecida em uma lésua da sua casa”.

- Continuando na sua patriótica narrativa, historiando todos os fatos que constituem a vida partidária do castilhismo em Uruguiana, “O jornal” diz o seguinte:

“Depois da chegada do Cel Salgado, A Comissão Executiva organizou uma manifestação ao cel Godolphim somente para fazer ciente ao Comandante da Guarnição, provocar desordens, dar morras ao Presidente da República, Dr. PRUDENTE DE MORAIS, ao Ministro da Guerra e ao Comandante da Guarnição, sendo esses atos subversivos da ordem pública acompanhados por oficiais do 3º Regimento.

O Sargento do 3º Regimento de Cavalaria, MELLO CORDOVIL, colaborador do “Republicano”, insuflado pela executiva, publicou com a sua assinatura artigos ofensivos ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e ao Congresso Nacional. Este Sargento responde a Conselho de Guerra por ordem do Comandante do Distrito, o honroso e disciplinador Gen Marinho. O Alferes ANTONIO CANDIDO ORTIZ responde a Conselho de Guerra pelas tropelias que cometeu e pelas quais foi unanimemente pronunciado em Conselho de investigação. Este Alferes é cunhado do Intendente Portugal.

O Capitão LEOPOLDO JOSÉ ORTIZ DA SILVA, também responde a Conselho de Guerra por atos subversivos da disciplina.... A Comissão Executiva organizou uma manifestação ao Dr RIVADÁVIA CORREA. Nela, em vez de gritos de saudações ao manifesto, somente se ouviam “morras ao Cel Salgado e ao General Telles”, sendo que a esta manifestação estiveram presentes o Inspetor da Alfândega e o seu pessoal. Depois os manifestantes saíram a percorrer a ruas apedrejando casas, como fizeram na de Constantino Etcheverry, e espancando os que encontravam e supunham ser adversários políticos.

Foram esses e outros fatos que analisamos que dividiram a sociedade de Uruguiana em criminosos e vítimas.

Por outro lado, animou-se a Executiva a publicar um artigo, assinado pelos seus membros, ameaçando os seus adversários. Em conclusão, narra “O jornal” depois de sensatas ponderações a respeito da anormalidade em que se acha a sociedade uruguianaense, devido ao funesto domínio castilhistas.

O Alferes SETEMBRINO D’OLIVEIRA, quando destacado na linha, matou um cidadão oriental. Depois do fato, veio apresentar-se ao Comandante da Guarnição, alegando ter matado em sua defesa. O Coronel Salgado, diante da confissão do referido alferes, mandou recolhê-lo preso e abrir inquérito para verificar se o crime era militar ou civil, em vista das circunstâncias em que ele foi cometido.

A Executiva e as suas autoridades logo moveram-se e empregaram tudo, a fim de ser o crime considerado civil, porquanto, provada ou não provada a justificativa de legítima defesa, o alferes seria absolvido, garantida previamente a não interposição de apelação pela Promotoria ou pelo Juiz de Comarca. Considerando o crime civil, o primeiro ato das autoridades judiciárias da Executiva foi solicitar ao Comandante da Guarnição a soltura do réu. Em completa liberdade o alferes Setembrino, debaixo da formação da culpa pelo homicídio que cometeu, estando na farmácia “Mayer” com os amigos de GRACCHUS E TALVEZ COM O PRÓPRIO Gracchus, teve a infelicidade por eles passar o Dr. VAZ DO AMARAL, e esse alferes saiu a seu encontro para desfeiteá-lo, o que não fez por ter o Dr Vaz se colocado na defensiva, empunhando o seu revólver. Em conselho de guerra está o alferes Ortiz, em virtude de pronúncia.

Os Alferes Azambuja e Acácio também respondem a Conselho, por ordem do Comandante do Distrito, o honrado e disciplinador Gen Marinho, pelos atos de desordem e indisciplina subversivos das leis militares, por ocasião da manifestação ao Coronel Godolphim.

O Dr. A. A. de Carvalho foi absolvido nos processos que o Dr. Mibielli, Juiz da Comarca, lhe instaurou para complemento da sua desgraça moral.

O redator do “jornal” será também, confiamos, absolvido dos que lhe instaurou o mesmo juiz, que é hoje considerado um ponto negro na magistratura do Estado.

Pelos fatos expostos, dos quais têm responsabilidade e autoria os amigos de Gracchus, verá o público, e verão as autoridades superiores do Estado e do País o lamentável estado de desordem e anarquia que assoberba esta infeliz Comarca, e que a Executiva e suas autoridades pseudopositivas querem manter em proveito de seus ventres. O bem público não os preocupa. Com relação ao povo, não houve os lamentos da miséria, os gemidos da orfandade e da viuvez. Com relação à Pátria, da qual são inimigos, dela se lembram no momento de argumentar-lhe as dificuldades e o descrédito, desviando as suas rendas.

O contrabando, que sempre foi a preocupação dos nossos governos, foi admitido como função administrativa pelos que têm o dever de impedi-lo.



As rendas das Alfândegas desta cidade e as repartições a ela sujeitas decresceram em razão do aumento da introdução de mercadorias do estrangeiro e em razão do desenvolvimento do nosso comércio, que é importantíssimo nesta zona.

Empregados fiscais enriqueceram em meses, sem terem explicação razoável para suas imprevistas fortunas.

No entanto, Gracchus, que podia utilizar sua aptidão aconselhando aos amigos mais patriotismo, exhibe-se calunhando o Cel Salgado, que é um obstáculo sério à continuação da bacanal política, administrativa, judiciária e financeira nesta terra digna de melhor sorte.”

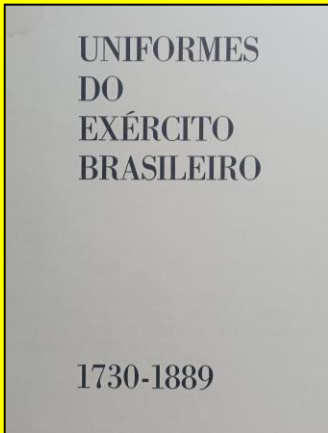
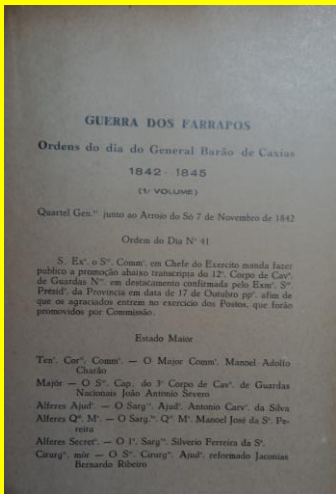
Aqui termina a repugnante estatística de crimes organizada pelo “O jornal”, de Uruguaiana. Ao terminar a sua publicação, o ‘ECHO DO SUL”, acrescenta ao final de tudo:

“Este novo QUADRO NEGRO, repleto de horrores, oferece, como já dissemos, o mais forte dos subsídios à história do castilhismo, ajuntamento useiro e vezeiro na prática dos crimes os mais abomináveis. O castilhismo figura sempre como a agremiação partidária mais nefasta dos tempos da República”.

Finalmente, a 23 de agosto de 1895 a paz é assinada na cidade de Pelotas, com a submissão dos revoltosos dando, por fim, a uma das mais sangrentas lutas que assolou os campos do Rio Grande do Sul. Em 1912, eram intensas as comemorações da Proclamação da República em Uruguaiana. Na foto à esquerda, os estudantes: Marinheiro: Alceu Carvalho, República: Srtª Morais Paiva e o soldado: Aguirre – (fototeca de Ivo Caggiani).

@@

OBRAS RECEBIDAS POR DOAÇÃO DO MEMBRO-EFETIVO MARCELO PEIXOTO DA SILVA (Rio)



Obra do artista Wash Rodrigues



Obras à disposição dos interessados, por empréstimo.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com) Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes: http://historiapatriota.blogspot.com